

**Do depoimento à cena: o caráter
autobiográfico na criação em modo
colaborativo**

Mateus Junior Fazzioni, Amanda Pedrotti, Marcia Berselli

Do depoimento à cena: o caráter autobiográfico na criação em modo colaborativo

From testimony to the scene: the autobiographical in collaborative creation

Mateus Junior Fazzioni¹

Amanda Pedrotti²

Marcia Berselli³

1 Graduado em Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Atua como performer pesquisador no Laboratório de Criação (LACRI/CNPq), no coletivo Ateliê Colaborativo e no Grupo performATIVAS. Pesquisador no Grupo de Pesquisa Teatro Flexível: Práticas Cênicas e Acessibilidade (CNPq/UFSM). ORCID: 0000-0001-6457-655X. E-mail: mateusfazzioni15@gmail.com.

2 Graduada em Licenciatura em Teatro pela UFSM. Participante do Grupo de Pesquisa Teatro Flexível: Práticas Cênicas e Acessibilidade (CNPq/UFSM) e do Programa de Extensão Práticas Cênicas, Escola e Acessibilidade. ORCID: 0000-0003-1293-5463. E-mail: amandapedrotti@gmail.com.

3 Docente do Departamento de Artes Cênicas da UFSM. Líder do Grupo de Pesquisa Teatro Flexível: Práticas Cênicas e Acessibilidade (CNPq/UFSM) e do Laboratório de Criação (LACRI/CNPq). Coordenadora do Programa de Extensão Práticas Cênicas, escola e acessibilidade. ORCID: 0000-0002-2731-1373. E-mail: bersellimarcia@gmail.com

Resumo

O presente artigo busca discutir os aspectos autobiográficos presentes no processo criativo em modo colaborativo do acontecimento cênico *Antes de falar já não se ouve* (2009), desenvolvido em processo formativo, no ambiente universitário. Durante o processo, os atores e as atrizes foram convocados(as) a uma criação mais pessoal e sensível, por meio do compartilhamento de depoimentos e testemunhos a respeito de opressões sofridas e praticadas. Assim, o objetivo deste estudo é investigar como o caráter autobiográfico emergiu na criação colaborativa, levando em consideração a escrita dramaturgica coletiva assumida nesse modo de criação. Espera-se que este estudo possa contribuir para a ampliação das investigações sobre a cena contemporânea, bem como apontar possíveis encaminhamentos metodológicos e práticos para o desenvolvimento de processos de criação em modo colaborativo pautados em recursos autobiográficos.

Palavras-chave: Criação colaborativa. Recursos autobiográficos. Dramaturgia coletiva. Cena contemporânea.

Abstract

This article aims to discuss the autobiographical presence in the creative process in a collaborative way in the performance *Antes de falar já não se ouve* (2019), developed in a pedagogical process, in a university environment. During the process, the actors were invited to a more personal and sensitive creation through the sharing of testimonies about the oppression suffered and practiced. Thus, the objective of this study is to investigate how the autobiographical emerged in collaborative creation from the collective dramaturgical writing assumed in this mode of creation. It is hoped that this study can contribute to the expansion of the research in the contemporary scene, as well as to point out possible methodological and practical directions for the development of the creative process in a collaborative way from autobiographical resources.

Keywords: Collaborative creation. Autobiographical resources. Collective dramaturgy. Contemporary scene.

Introdução

Refletir sobre o autobiográfico na criação cênica traz para debate questões envolvendo as implicações do real na cena contemporânea, as relações com a memória, o depoimento, o testemunho e a valorização da experiência de vida dos atores e das atrizes por meio das diferentes formas e vozes que a escrita dramática pode assumir. Quando pensamos no caráter autobiográfico presente na dramaturgia contemporânea, relacionando-o aos modos de operação dos processos colaborativos, percebemos ali os aspectos pessoais e sensíveis potencializados. Isso porque os criadores são convocados a uma postura mais ativa frente às responsabilidades do processo criativo e às suas funções, ao passo que trazem para a cena suas questões, somadas às demandas das temáticas da pesquisa.

Esse aspecto ficou perceptível no desenvolvimento do processo de criação do acontecimento cênico *Antes de falar já não se ouve* (2019), desenvolvido em 2019 por estudantes do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A partir dessa experiência, passamos a questionar como uma postura mais pessoal, assumida pelos atores e atrizes, possibilita investigar não só aspectos do processo em questão, mas o próprio caráter autobiográfico que pode dali emergir. São discussões que envolvem a elaboração do material dramático na criação colaborativa, na transformação do depoimento em cena, e que apontam outras possibilidades para o desenvolvimento dos processos criativos, pela convocação do “eu” e sua experiência de vida.

A origem desse tipo de aproximação cênica ao material vivenciado pelo(a) artista tem raízes nas décadas de 1960 e 1970, com os happenings e a performance art, novas expressões artísticas de caráter experimental que, ao surgirem, ocasionaram transformações e hibridizações no campo das artes cênicas. Estes experimentos provocaram o esfacelamento das fronteiras entre as linguagens artísticas, numa aproximação entre arte e vida que levantou questionamentos a respeito da necessidade da arte, seus modos de produção e de recepção e em diálogo com questões sociais.

A segunda metade do século XX, principalmente na dança e no teatro, viu o aparecimento de experimentos cênicos baseados em processos de criação mais horizontais e menos hierárquicos. Podemos citar as criações coletivas e, mais tarde, nos anos 1990, os processos colaborativos. Tais modos de organização dos e das artistas no processo de criação possibilitaram que os(as) agentes criativos(as) assumissem diversas funções artísticas, desenvolvendo criações de autoria compartilhada. Nessas criações, podemos destacar a pesquisa e o caráter processual e autobiográfico, em que os e as performers são convocados(as) a uma criação mais pessoal, por meio do agenciamento de seus repertórios e técnicas, contribuindo para a escrita da cena.

Em processos colaborativos, o caráter autobiográfico passa a ser potencializado, porque os atores e atrizes contribuem ativamente na escrita da dramaturgia, através de criações e improvisações que propõem a exposição de suas vivências. Podemos citar ainda criações cênicas performativas, nas quais o material autobiográfico dos artistas, muitas vezes, é ponto de partida para as criações.

Os e as artistas passaram a ser convocados(as), mais e mais, a se colocarem de maneira pessoal e sensível, utilizando material autobiográfico como elemento criativo. Quando se introduz a memória em cena, ocorre um “[...] processo de desfuncionalização da cena e um abandono da personagem em direção ao eu afirmado do artista” (LEITE, 2014, p. 39). Valoriza-se, assim, a singularidade dos corpos e a experiência de vida de cada artista, uma vez que são essas mesmas histórias, corpos e memórias que impulsionam e alimentam o processo.

Ambas as abordagens se fizeram presentes no processo de criação do acontecimento cênico *Antes de falar já não se ouve* (2019), um processo colaborativo em que os atores e as atrizes participaram, direta ou indiretamente, da escrita dramática, sendo convidados(as) a trazer para o processo depoimentos, relatos e testemunhos a respeito das opressões sofridas e/ou praticadas. O presente artigo busca analisar esse processo de criação, desenvolvido em ambiente universitário, de modo a investigar como o caráter autobiográfico fez-se presente nessa criação colaborativa, e como os elementos autobiográficos individuais foram articulados na escrita da dramaturgia geral do processo.

Iniciamos a problematização discutindo sobre as diferenças entre criação coletiva e processo colaborativo, através de uma análise histórica dos processos coletivos, dos anos 1960, até os chamados processos colaborativos, nos anos 1990; em especial, os desenvolvidos pelo grupo paulista Teatro da Vertigem. Em seguida, discutimos o processo de criação do acontecimento cênico *Antes de falar já não se ouve* (2019), apresentando os modos de operação e organização dos e das artistas ao longo da criação. Finalizamos, abordando os aspectos autobiográficos mobilizados nesse processo de criação, buscando compreender como o depoimento pessoal transforma-se em dramaturgia coletiva. Esperamos, assim, contribuir para a ampliação das investigações sobre a cena contemporânea, bem como apontar possíveis encaminhamentos metodológicos e práticas, para o desenvolvimento de processos de criação colaborativos de caráter autobiográfico.

Da criação coletiva ao processo colaborativo

No contexto artístico brasileiro, as décadas de 1960 e 1970 foram marcadas pelo rompimento dos modelos estrangeiros que até então eram importados e implantados nos repertórios artísticos nacionais. Nessa mesma época, houve o fortalecimento dos chamados teatros de grupo, com o surgimento do “[...] Teatro de Arena (1953), do Teatro Oficina (1958), do Centro Popular de Cultura da UNE (1961), do Grupo Opinião (1964) [...]” (BARONE, 2011, p. 01), entre outros. Esses grupos proporcionaram uma significativa transformação nos modos de ver, entender e praticar teatro, visto que as criações passaram a ser atravessadas por questões sociais e políticas vivenciadas na época. A partir disso, começaram a explorar propostas de criações coletivas, distanciando-se das práticas tradicionais, muitas vezes autoritárias. Segundo Fischer (2003), a criação coletiva surgida no Brasil a partir dos anos 1960 teria duas formas de operação. A primeira, nas palavras de Berselli (2018), “[...] extinguiria a figura de um chefe, seja ele autor ou diretor, tendo em vista o pressuposto de participação igualitária no processo” (BERSELLI et al., 2018, p. 89); já a segunda, partindo dos estudos

de Fisher (2003), aproxima-se do que se entende hoje por processo colaborativo, uma vez que não exclui o(a) autor(a)/diretor(a) e as demais funções do processo, mas propõe uma operação a partir da distribuição de tarefas (FISCHER, 2003).

A partir dos anos 1990, os processos de criação em modo colaborativo passaram a ser introduzidos e experimentados na cena teatral brasileira, sendo uma das principais referências o grupo paulista Teatro da Vertigem, dirigido por Antônio Araújo. Segundo Araújo (2009), autor da análise que veio a consagrar o termo, o processo colaborativo, investigado pelo grupo em diferentes trabalhos, “[...] constitui-se numa metodologia de criação em que todos os integrantes, a partir de suas funções artísticas específicas, têm igual espaço propositivo, produzindo uma obra cuja autoria é compartilhada por todos” (ARAÚJO, 2009, p. 48). Nesse sentido, a dinâmica da criação torna-se mais horizontal e menos hierárquica, descentralizando o “poder” das mãos de uma única pessoa (diretor ou diretora) e possibilitando que as demais funções artísticas (atuação, dramaturgia, sonoplastia, design de cena etc.) se tornem também propositoras da criação. Contudo, por mais horizontal que seja o processo colaborativo, durante a criação poderão ser observadas hierarquias, visto que em determinados momentos do processo será necessário tomar decisões. Nesse caso, explica Araújo:

Sua dinâmica des-hierarquizada, mais do que representar uma “ausência” de hierarquias, aponta para um sistema de hierarquias momentâneas ou flutuantes, localizadas por algum momento em um polo de criação (dramaturgia, encenação, interpretação etc.) para então, no momento seguinte, mover-se rumo a outro vértice artístico (ARAÚJO, 2009, p. 48).

Assim, as hierarquias deslocam-se entre as diversas funções artísticas ao longo do processo, de modo que os(as) diferentes agentes criadores(as) possam ter voz e fazer suas escolhas ou proposições. Tendo isso em vista, todas as funções da cena passam a ter certa autonomia, assumindo o mesmo poder de criação e proposição, assim como de tomada de posição frente às responsabilidades do processo. Esse modo de operar e de organizar os elementos de criação faz com que o processo colaborativo seja diferente da criação coletiva dos anos 1960 e 1970, mesmo que ambos tenham como essência o desenvolvimento de processos de criação com participação mais igualitária.

Na criação coletiva, por exemplo, todos(as) os e as integrantes podem experimentar-se nas diferentes funções artísticas, que são deixadas em aberto, de modo que todos(as) façam tudo e não haja, como aponta Araújo (2009), “[...] mais um único dramaturgo, mas uma dramaturgia coletiva, nem apenas um encenador, mas uma encenação coletiva, e nem mesmo um figurinista, ou cenógrafo, ou iluminador, mas uma criação realizada conjuntamente [...]” (ARAÚJO, 2006, p. 127-128). Já no processo colaborativo, o autor completa, as funções são determinadas no início do processo, quando “[...] o grupo, por meio de um consenso - ou endosso - define a ocupação de cada área artística, segundo o interesse e a habilidade dos integrantes ou convidados” (ARAÚJO, 2009, p. 49). Além disso, no início do processo, os colaboradores e as colaboradoras, conjuntamente, podem elaborar regras e apresentar seus interesses, de modo a organizar uma estrutura para o que virá. Cabe destacar que há uma variedade de metodologias

possíveis de serem operadas no processo colaborativo, uma vez que este é um modo de organização e posicionamento dos e das artistas que emergem durante a criação e em razão dela.

Existe no processo colaborativo uma preocupação constante com a pesquisa, exigindo dos colaboradores e das colaboradoras a reflexão crítica sobre as suas escolhas estéticas e ideológicas, de modo a assumirem “[...] o papel de artistas-pensadores [...]” (ARAÚJO, 2006, p. 128). Além disso, independente das funções assumidas, todos(as) agentes se assumem como responsáveis pela criação. Identifica-se, dessa forma, a “[...] responsabilidade sobre todos os aspectos do processo [...], pulverizada entre todos os colaboradores” (BERSELLI et al., 2018, p. 89). Por isso, o modo de trabalho no processo colaborativo, além de ser complexo, pressupõe organização, diálogo e negociações; posto que é composto por diferentes vozes criadoras. Além disso, cada agente possui diferentes percepções, referências estéticas e ideológicas, as quais se atravessam no decorrer da criação e precisam ser negociadas e discutidas com o todo. No processo colaborativo, este é um jogo em constante tensionamento, como resume Araújo:

[...] um tensionamento dialético entre a criação particular e a total, no qual todos estão submergidos. Sem abandonar o estatuto artístico autônomo de um determinado aspecto da criação, a habilidade específica, o talento individualizado ou, mesmo, o gosto por certa área criativa, o processo colaborativo não reduz o criador a mero especialista ou técnico de função. Pois, acima de sua habilidade particular, está o artista do Teatro, criando uma obra cênica por inteiro, e comprometido com ela e com o seu discurso como um todo (ARAÚJO, 2006, p. 131).

Em virtude disso, o desenvolvimento da criação depende do engajamento dos colaboradores e das colaboradoras como artistas de teatro, em que funções se articulam em prol de uma criação que envolve o coletivo. O ato de colocar-se na experiência colaborativa exige disponibilidade para a criação, partindo do potencial imaginativo de cada um e de cada uma, assim como uma abertura para o jogo entre as diferentes funções e agentes. Durante o processo de criação, as diferentes funções artísticas se retroalimentam, oferecendo novas possibilidades umas às outras e gerando atritos e encontros entre as linguagens. Nenhuma dessas funções é estática; estão em constante movimento de transformação e negociação, com os elementos da cena, com as demais funções e com as criações dos e das agentes. Assim, podemos enfatizar a posição central da processualidade, para Araújo, “[...] de uma encenação em processo, de uma cenografia em processo, de uma sonoplastia em processo e assim por diante, com todos esses desenvolvimentos juntos compondo o que chamamos de processo colaborativo” (ARAÚJO, 2006, p. 130).

Tendo em vista as discussões sobre processo colaborativo, apresentamos a seguir uma reflexão a respeito do processo de criação em modo colaborativo do acontecimento cênico Antes de falar já não se ouve (2019), a fim de compreender como o caráter pessoal e autobiográfico pode emergir na criação em modo colaborativo, e de que forma os elementos autobiográficos são articulados na escrita da dramaturgia geral.

O processo de criação do acontecimento cênico Antes de falar já não se ouve (2019)

Com o intuito de investigar o desenvolvimento de um processo de criação em modo colaborativo, no ano de 2019 estudantes do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), matriculados(as) nas disciplinas de Montagem Teatral I e II, criaram o acontecimento cênico Antes de falar já não se ouve, tendo como mote discussões a respeito das opressões do corpo. Durante o processo de criação, cada agente assumiu duas ou mais funções criativas, tais como encenação, atuação, dramaturgia, cenografia, iluminação, figurino, maquiagem, abordagem corporal e sonoplastia; ato a partir do qual fez-se necessário estabelecer diálogos e negociações constantes, de modo a buscar e manter a horizontalidade do processo.

A busca por uma mobilização das hierarquias do processo de criação acentuou-se também em virtude do contexto em que estávamos inseridos(as): tratava-se de uma disciplina de Graduação que, geralmente, é operada de maneira hierárquica, sendo que o professor ou professora mescla as funções de orientador(a) e diretor(a) da cena. Em nosso caso, ficou acordado com a professora Dra. Marcia Berselli, ministrante da disciplina no ano de 2019, que todas as funções da cena, incluindo a de encenação, seriam desempenhadas pelos(as) estudantes que tivessem esse interesse. Dessa forma, a professora da disciplina assumiu a função de orientadora do processo de criação e da prática pedagógica implicada na investigação proposta pela disciplina.

Por meio da diluição dos «poderes», foi possível explorar aspectos pouco presentes na maioria das disciplinas universitárias, como por exemplo, o protagonismo dos e das estudantes por meio do estabelecimento de um caráter coletivo de grupo, pautado no desenvolvimento de uma responsabilidade individual e compartilhada; visto que o trabalho só se desenvolveu em virtude da responsabilidade de cada agente com a função artística pesquisada no processo, assim como com o trabalho coletivo desenvolvido na disciplina. Além disso, por se tratar de um processo colaborativo que partia da temática das opressões sofridas pelo/no corpo, foi necessário um engajamento de todos(as) de maneira afetiva e pessoal.

Ao início do processo, por meio de uma conversa, foram discutidos os interesses em comum, bem como o tema e outras questões da criação, partindo das perspectivas que atravessavam os e as estudantes, e que foi escolhida de modo também coletivo. Após compartilharem com o grupo as funções artísticas de seu interesse, em seguida, foram organizadas as áreas de atuação e as respectivas tarefas e demandas. Sendo assim, os e as participantes tiveram a possibilidade de investigar as funções artísticas, implicando nelas seus repertórios e trajetórias. Todos(as) agentes criativos, com exceção das encenadoras, ocuparam a atuação e mais uma função de seu interesse, dentre as funções que estruturaram o processo, quais sejam, encenação, atuação, design de cena (cenografia, figurino, maquiagem, iluminação), abordagem corporal, dramaturgia e produção.

O processo foi balizado por uma estratégia de criação operada em workshops, em que cada agente criativo(a), durante o cronograma de ensaios, ti-

nha um espaço para propor aos atores e atrizes a exploração de recursos, materiais e elementos. Para Rinaldi (2006), workshop é entendido como um momento que estimula a elaboração de “[...] uma cena criada pelo ator em resposta a uma pergunta ou um tema lançados em sala de ensaio” (RINALDI, 2006, p.136). Nesse espaço, os atores e as atrizes têm liberdade de explorar e de elaborar cenas e performances a partir das questões lançadas pelo(a) propositor(a), numa resposta que se dá através do corpo (por gesto, movimento, palavras, silêncios etc).

No processo de criação de *Antes de falar já não se ouve*, foi lançado aos atores e às atrizes que trouxessem depoimentos escritos sobre alguma opressão que sofreram e/ou praticaram, bem como explorar em seus corpos suas marcas e cicatrizes, que tornam esses corpos históricos e repletos de experiências. Em ambos os momentos, os e as agentes responsáveis pela dramaturgia ouviam e anotavam esses depoimentos, assim como as criações que surgiam por meio do campo pessoal e das experiências individuais, na busca por materiais que pudessem ser introduzidos na dramaturgia e, mais tarde, levados para a cena. Os depoimentos escritos eram explorados por outros(as) atores e atrizes do grupo, com o intuito de que cada um e cada uma vivenciasse cenicamente a opressão que o outro ou a outra havia sofrido, sem saber de quem de fato seria aquele depoimento. Essa foi nossa forma de compor um discurso coletivo a respeito das opressões do corpo, em uma multiplicidade de olhares poéticos.

O caráter autobiográfico em *Antes de falar já não se ouve* (2019)

Refletindo sobre o surgimento das questões pessoais em cena, Janaina Leite, em sua dissertação de mestrado intitulada *Autoescrituras performativas: do diário à cena* (2014), apresenta um teatro de caráter performático que, ao enfatizar o corpo e os atos performativos, convoca esse mesmo corpo para uma experiência de criação mais pessoal. A partir disso, recursos autobiográficos, como textos, imagens, vídeos pessoais, depoimentos e testemunhos podem ser utilizados para a construção das cenas. Utilizando os recursos autobiográficos como constituintes da dramaturgia, evoca-se o passado e o presente individuais, por meio do depoimento pessoal, que carrega uma “[...] valorização da experiência vital e do arquivo histórico de cada indivíduo [...]” (LEITE, 2014, p. 40).

A autora relaciona o caráter autobiográfico no teatro aos trabalhos desenvolvidos pelo grupo Teatro da Vertigem desde os anos 1990. Segundo Leite (2014, p. 40), os processos colaborativos são “[...] um terreno fértil para o trabalho com material autobiográfico” (LEITE, 2014, p. 40). Como já apresentado, a criação em modo colaborativo promove a “[...] ênfase sobre o processo e a pesquisa” (LEITE, 2014, p. 40); e é por meio do processo e da pesquisa, durante os ensaios, que os atores e as atrizes operam na construção dramática e estimulam a concepção da encenação. Como aponta Leite, os atores e as atrizes tornam-se “[...] responsáveis pelas escolhas no que se refere à encenação (escolha de espacialização, luz, som) e à dramaturgia (os textos propriamente proferidos em cena, mas também as situações, as relações, os personagens)” (LEITE, 2014, p. 40). Nesse modo de criação mais pessoal, o ator e atriz é entendido(a) como ator-autor/atriz-autora ou ator/atriz performer, pois deve “[...] assumir um papel

de autor e criador da cena, construída a partir do material que ele mesmo traz para os ensaios” (ARAÚJO SILVA, 2002, p. 84 apud RINALDI, 2006, p. 139).

Os materiais criados nos workshops no processo criativo de Antes de falar já não se ouve serviram diretamente à dramaturgia; mesmo que, em alguns casos, tenham sido modificados ou recriados para compor a dramaturgia, mitigando o caráter autobiográfico. A esse material primário desenvolvido nos workshops foram se sobrepondo outros elementos, textos e discursos, criando assim diversas “camadas dramáticas” (RINALDI, 2006, p. 141). No processo criativo de Antes de falar já não se ouve, os atores e as atrizes colaboraram “[...] com textos, falas, imagens, gestos, intervenções no espaço, figurinos, desenhos de luz, sugestões musicais e personagens” (RINALDI, 2006, p. 141).

O procedimento de criação de material dramático gerado por meio do depoimento pessoal exige dos atores e das atrizes disponibilidade à exposição pessoal; o que Rinaldi (2006) distancia do mero depoimento - segundo ela, comumente limitado “[...] à ideia de confissão de um segredo, e também de exposição pública de um testemunho” (RINALDI, 2006, p.139). Segundo a autora, para os atores e atrizes o depoimento pessoal é antes um auto-exposição, que determina “[...] uma qualidade de presença cênica, de expressão de uma visão particular ou de um posicionamento frente à determinada questão (RINALDI, 2006, p.139). Nos processos criativos do Teatro da Vertigem, assim como no acontecimento cênico Antes de falar já não se ouve, além de disponibilidade para se expor, o ator e a atriz precisam ter um desapego sobre suas criações; visto que, por mais que as performances e os textos surjam das experiências vividas e relatadas pelos atores e pelas atrizes, todos os materiais passam a estar disponíveis ao(a) dramaturgo(a), que fará a disposição da dramaturgia final. Sobre essa autoria, Rinaldi comenta:

[...] a autoria no processo colaborativo não está relacionada apenas à gênese dos materiais, mas à forma como eles se processam e se transformam. No contínuo jogo de dar e receber que acontece entre os atores, existe uma operação autoral de apropriação. Se por um lado esse processo exige desapego do ator – postura inerente a todos os artistas em processo colaborativo – que deve aceitar o corte da cena bem escrita ou mesmo da personagem não realizada, por outro deve ter disponibilidade de fazer da ideia do outro a sua própria. A generosidade é imprescindível em qualquer posição que se ocupe (RINALDI, 2006, p.139).

Sendo assim, as criações passam do campo pessoal para o campo coletivo. A convergência observada no processo aqui analisado concorda com o que é exposto por Leite, ao destacar que o “[...] caráter coletivo do teatro parece acentuar a necessidade de que o material convirja para os temas acordados e que possa migrar de uma camada mais explicitamente pessoal para algo que sirva ao projeto como um todo” (LEITE, 2014, p. 41). No caso de Antes de falar já não se ouve, os depoimentos e performances foram sendo modificados para convergir em um único ponto, as opressões do corpo.

Considerações finais

Ao buscarmos analisar o processo de criação do acontecimento cênico Antes de falar já não se ouve (2019), tecendo relações com algumas teorias acerca da presença da autobiografia na cena, percebemos que a utilização dos depoimentos pessoais na construção dramaturgica convoca os atores e as atrizes a uma criação mais pessoal e sensível. Sendo assim, exige-se dos criadores e das criadoras disponibilidade para expor suas questões, marcas e experiências, assim como um certo desapego frente às suas criações e depoimentos; visto que, no desenvolvimento da criação colaborativa, outros(as) criadores(as) podem assumir esses discursos, deslocando as criações do campo pessoal para o campo coletivo. Buscando a convergência temática, a dramaturgia será composta pelos diferentes depoimentos e materiais criados pelos(as) colaboradores(as), os quais sofrerão modificações e realocações entre os atores e as atrizes.

Os depoimentos pessoais, mesmo que sejam modificados, representam uma leitura do(a) criador(a) frente à temática da obra. No entanto, nem todas as performances criadas precisam remeter explicitamente ao tema central; já que, ao serem criadas em resposta à proposição lançada em workshops, elas já carregam um potente poder simbólico. Dessa forma, como aponta Rinaldi (2006), “[...] não há uma forma pré-estabelecida para o depoimento” (RINALDI, 2006, p. 140), que não se limita ao formato de texto escrito, podendo também assumir algum contorno por meio do discurso do corpo em cena, por exemplo. Por fim, o caráter autobiográfico na cena contemporânea abre espaço para que outras linguagens, como o audiovisual, se façam presentes na exposição de si.

O depoimento pessoal possibilita pensarmos em outros caminhos a serem percorridos nas artes da cena, apresentando-se não só como um elemento disparador do processo, mas como constituinte indispensável da própria obra. Quando associado ao processo colaborativo, dá lugar a um teatro do acontecimento inserido no campo do real; o que gera tensionamentos entre realidade e ficção. Também, podemos ressaltar nesse teatro a promoção de uma experiência coletiva em um espaço-tempo compartilhado; em que a forma de ser afetado e/ou gerar reflexão sobre uma determinada temática política, social e/ou cultural ocorre por meio da troca de vivências. Desse modo, seria oportuno considerar como os depoimentos dos espectadores e espectadoras poderiam contribuir na constituição da dramaturgia.

Mas, essa é uma questão que fica para os próximos debates. Por ora, limitamo-nos a discutir sobre uma das muitas possibilidades de mobilizar as hierarquias dos processos criativos-pedagógicos, apontando outras perspectivas e abordagens para pensar o desenvolvimento de processos colaborativos, em espaços de educação e fora deles. Quando falamos em horizontalizar poderes e compartilhar responsabilidades, tarefas e funções implicadas no processo de criação, a presença de recursos autobiográficos é uma forma de trazer à tona as diversas vozes e sujeitos, que juntos, operando enquanto coletivo, investigam formas de criar e resistir aos processos opressivos e hierárquicos que silenciam seus corpos e suas histórias.

Referências

- ARAÚJO, Antônio. O processo colaborativo no teatro da vertigem. *Revista Sala Preta*. São Paulo, v. 6, n. 1, p. 127-133, 2006. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57302>>. Acesso em: 28 mar. 2021.
- ARAÚJO, Antônio. O processo colaborativo como modo de criação. *Revista Olhares*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 46-51, 2009. Disponível em: <<https://www.olharsceliahelena.com.br/index.php/olhares/article/view/8/8>>. Acesso em: 28 mar. 2021.
- BARONE, Luciana. Processo colaborativo: origens, procedimentos e confluências interamericanas. In: CERQUEDA, S. B.; SOUZA, L. S.; RAMOS, A. N.; SANTOS, E. 20 anos de interfaces Brasil-Canadá. Salvador: EDUFBA: ABE-CAN, 2011. Disponível em: <<http://www.anaisabecan2011.ufba.br/Arquivos/Barone-Luciana.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2021.
- BERSELLI, Marcia; BRESSAN, Vanessa C.; TIEPPO, Juliana G.; SOLDERA, Natália P. Processo colaborativo e a busca pela horizontalidade das relações entre as funções da cena: procedimentos, práticas e estratégias de criação. *Conceição|Conception*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 90-115, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8650145>>. Acesso em: 28 mar. 2021.
- FISCHER, Stela Regina. Processo Colaborativo: experiências de companhias teatrais brasileiras nos anos 90. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/284803/1/Fischer_Stela-Regina_M.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2021.
- LEITE, Janaina Fontes. Autoescrituras performativas: do diário à cena. As teorias do autobiográfico como suporte para a reflexão sobre a cena contemporânea. Dissertação (Mestrado em Teoria e Prática do Teatro) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27156/tde-27022015-160605/pt-br.php>>. Acesso em: 28 mar. 2021.
- RINALDI, Miriam. O ator no processo colaborativo do Teatro da Vertigem. *Sala Preta*, v. 6, p. 135-143, nov. 2006. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57303>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

Submetido em: 29/03/2021.

Aceito em: 25/06/2021.